

FALAR DE MARIA DE NAZARÉ PARTINDO DAS FONTES HISTÓRICAS

Write about Mary of Nazareth starting from the historical sources

Lina Boff*

RESUMO

O presente artigo trata de apresentar a Mãe de Jesus como mulher histórica que em nada se diferencia das demais mulheres de seu tempo. Seu ponto articulador na narrativa do Novo Testamento está nos episódios que falam diretamente do Homem de Nazaré, seu filho e Filho de Deus. Só mais tarde esta mulher passa a ser vista e invocada à luz da fé como a Mãe do Messias esperado.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher histórica. Maria da fé. Mãe do Messias esperado.

ABSTRACT

This article tries to present the Mother of Jesus as a historical woman who does not differ from the other women of her time. The articulating point of her presence, in the New Testament narrative, is in episodes that directly talk about the Man of Nazareth, her son and Son of God. Only afterwards this woman came to be seen and invoked in the light of faith as the expected Mother of the Messiah.

KEYWORDS: Historical woman. Mary of faith. Mother of the expected Messiah.

A grande visão que temos de Nossa Senhora como a Maria histórica do Novo Testamento é a primeira fonte bíblica que nos fornece os fundamentos da teologia que hoje chamamos de Mariologia, ou melhor, Teologia mariana. O texto considerado mais antigo é o de Paulo numa Carta que escreve aos gálatas. Nem todos os teólogos concordam que seja mariológico esse texto. Mas, sobretudo, muitas teólogas o consideram sim, um texto que nomeia a mulher que trouxe a plenitude dos tempos, a mãe de Jesus, o Filho de Deus e o filho de Maria.

1 NA PLENITUDE DOS TEMPOS JESUS NASCEU

Para sabermos sobre o culto prestado a Maria, precisamos consultar e conhecer cada evangelista e também Paulo que a menciona em sua Carta aos gálatas. Paulo não a chama pelo nome, mas reconhece que Jesus, o Filho de Deus, *nasceu de uma mulher*, na plenitude dos tempos, quer dizer, quando o tempo de espera do povo de Israel pelo

* Professora emérita da PUC-Rio, dá cursos e seminários tanto na própria PUC como no Centro Loyola de Fé e Cultura, marióloga, assessora, pesquisadora, publica livros e artigos em Revistas dentro e fora do país.

Salvador, se havia esgotado com a presença do Espírito em Maria de Nazaré, que ficou grávida do Filho de Deus, pela força do Espírito Santo.

2 O ARGUMENTO DE PAULO

Não obstante a dificuldade dos membros da Comunidade da Galácia não se convencerem da doutrina de Paulo, este volta muitas vezes a explicar-lhes sempre a mesma coisa e com métodos diferentes. O argumento do apóstolo continua o mesmo: “[...] quando chegou a plenitude dos tempos, Deus enviou o seu Filho, nascido de uma mulher e sujeito à lei, para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção filial” (Gl 4,4-5).

Todo o capítulo 4 desta Carta procura fazer-nos entender que a nossa filiação divina passa por uma mulher que se chama Maria de Nazaré. Nesse sentido, deve-se evidenciar que Maria abre seu ventre para trazer a libertação da qual Paulo fala. Ela é a primeira a receber o Espírito Santo, na história, o Espírito que tudo recria e pervade a vida por inteiro. Na ação do Espírito, nenhuma pessoa é excluída, nem a mulher daquele tempo que era submetida a uma cultura que a excluía de tudo, menos a de ter filhos.

A Nova Criação entra no mundo por meio da carne de uma mulher que dá de sua carne e de seu sangue ao Filho de Deus. A modo de uma mulher, a História da salvação encontra a sua plenitude. Jesus vem através de uma mulher que se encontra fora da estrutura da Aliança, Ele vem na contra-mão de tudo aquilo que os homens haviam programado e estavam esperando ansiosamente.

No entanto, a mulher a que a pregação de Paulo se refere, é o espaço onde se dá a revelação da Comunidade divina. O Pai envia o Filho que nasce *de uma mulher* - Maria - por meio do Espírito Santo. Maria acreditou na revelação da palavra única do Pai, e por isso é *a mulher bem-aventurada* (cf. Lc 1,45).

Maria acolhe a Trindade em seu seio: o Pai, Criador de todas as coisas, envia o Filho para salvar a humanidade e reconciliar tudo o que estava dividido e o Espírito Santo para santificar e restaurar toda a carne e o cosmo criados pelo Pai.

Toda essa fundamentação é celebrada, sobretudo, na Liturgia do Advento, tempo forte mariano em que se evoca a esperança do povo de Israel pela chegada do Salvador. A

interpretação que Paulo dá à filiação divina traz a colaboração de uma mulher no mistério da encarnação para que Deus tomasse a nossa condição humana e nos reconciliasse com o Pai. Esse é o Projeto que o Filho Jesus realiza para toda a humanidade com sua pregação do Reino e a doação total de sua vida.

O Criador chega até nós, rebaixando-se a ponto de nascer de uma criatura que é mulher, pois Ele é o Criador de todas as coisas. Essa criatura é uma mulher que marca seu tempo, Maria de Nazaré, a Mãe do Redentor.

Ó Mãe do Redentor, do céu ó porta,
ao povo que caiu, socorre e exorta,
pois busca levantar-se, Virgem pura,
nascendo o Criador da criatura:
tem piedade de nós e ouve, suave,
o anjo te saudando com seu Ave!

3 A MARIA DA HISTÓRIA NO NOVO TESTAMENTO

Maria não era conhecida como é conhecida, hoje, isto é, como a Nossa Mãe, a Nossa Senhora da Vida, da Encarnação e da Humanidade. Era vista e tratada como todas as mulheres judias de seu tempo. Não havia o culto que nós lhe prestamos em nossos dias. Em Marcos, encontramos as primeiras notícias em que se fala de Maria junto com outras pessoas de sua família. Os textos são narrativos com um viés bastante direto que impede de demonstrar aquela atenção que todos esperam no trato com as pessoas da família mais próxima, sobretudo quando se trata da mãe. Os episódios narrados no Evangelho da Comunidade de Marcos falam disso: 3, 20-21; 3, 31-35 e 6, 1-6.

4 A EXPERIÊNCIA DE MARIA

Em primeiro lugar, essa experiência nasce de um processo de mudança no modo de apreender as coisas de Jesus como caminho progressivo que desemboca e se faz experiência de fé quando a pessoa quer ser iniciada ao mistério de Deus. Percebe-se que a partir dessa experiência, Maria passa, gradativamente, a compreender as obras e os gestos de seu filho de forma distinta daquela que Ela tinha antes.

Como Maria, do jeito que era considerada pelas comunidades apostólicas, nós também temos que abandonar o estereótipo, popularmente, aceito do poder divino e dos triunfos humanos; abandonar a imagem de um Deus feito à medida dos nossos interesses e da nossa compreensão. Antes, temos que adaptar o nosso conhecimento prático a uma experiência viva do amor de Deus por nós, manifestado em Jesus Cristo, conhecimento esse que só se atinge fazendo o caminho do sofrimento, da cruz e do anonimato como o fez Maria de Nazaré.

Maria vive dentro de um contexto em que é considerada uma pessoa que tem medo de seguir Jesus como todos alimentam esse medo. Aquilo que Jesus prega e fala vai além das próprias forças e daí o fato de duvidarmos tanto da pregação e da prática de Jesus. Cada pessoa iniciada no caminho da fé é convidada a levar em consideração a vida pública do Deus de Jesus Cristo, filho de Maria, que, como “filha de Adão”, consentiu na Palavra divina e se tornou a mãe do Filho de Deus (Cf. LG 56).

Contudo, não foi isenta das dúvidas e dos percalços cotidianos de sua vida, seja em Nazaré como no exílio que conheceu. Nesse sentido, Maria é sinal de esperança e de conforto para todos, seja como povo de Deus peregrinante, seja como pessoa individual que busca a vontade de Deus até que chegue o dia do Senhor da luz.

5 SOBRE A DESCENDÊNCIA DE JESUS

Mateus começa seu Evangelho apresentando à comunidade a origem biológica de Jesus. Nessa abertura de seu evangelho descreve a genealogia de Jesus Cristo para dizer qual a descendência humana de Jesus e por que quis nascer de uma mulher, Maria de Nazaré, e não de homem, segundo a cultura daquele tempo.

Antes de Maria ele cita quatro mulheres que a precedem: Tamar, Raab, Rute e Betsabé. O Senhor incluiu todas as mulheres e todos os homens na História da salvação, assim como o fez com Tamar (Gn 38, 14-18), com Raab (Js 2,1), com a mulher de Urias (2Sm 11, 1-5), com Rute (3, 7-15) e, do mesmo modo o faz com Maria de Nazaré (Mt 1,16), independente da linhagem de cada uma. Mateus quis mostrar que Jesus veio para a salvação de toda humanidade, seja para os justos como para os pecadores.

Cabe dar importância de que o elemento feminino junto com o masculino constroem a História da Salvação e, por isso mesmo, estão sobre o altar oferecendo a Deus Pai a Nova Criação que veio com Jesus. Assim o evangelista mostra que Jesus veio para a salvação de todas as categorias de pessoas e ninguém é excluído da salvação. Na última geração que precede a de Jesus, o evangelista apresenta Maria como esposa de José, que é da descendência de Davi.

Constata-se, nesse ponto, uma interrupção que vem de uma descendência patriarcal e passa, rapidamente, para a descendência de uma mulher. Maria, portanto, traz Jesus, que interrompe a descendência dos patriarcas para vir a este mundo através da descendência matriarcal representada por Maria de Nazaré. Essa Maria vem na linhagem das matriarcas do Antigo Testamento, mas abre o Novo Testamento com a chegada da gravidez que a torna a mãe do Salvador pelo SIM. O Salvador foi anunciado pelos profetas ao povo que aguardava o Messias com grande expectativa.

Ao lermos a genealogia de Jesus Cristo na abertura do Evangelho de Mateus vamos perceber o salto qualitativo que faz: do homem que dava nome à casa, isto é, a toda descendência da família, a narrativa de Mateus passa para a descendência da mulher, Maria de Nazaré.

O Pai, ao enviar seu Filho, escolhe uma mulher que quebra a descendência do patriarca. A mulher é incluída na linhagem genealógica de toda a humanidade sem exclusões. Essa gênese do início da vida de Jesus na história é apresentada assim: “[...] Natan gerou Jacó, Jacó gerou José, o esposo de Maria, da qual nasceu Jesus que chamamos de Cristo” (Mt 1, 15-16).

A interrupção que o evangelista faz ao narrar a descendência biológica do Filho de Deus, que não vem através de sêmen humano, mas pela fecundidade do Espírito Santo, enviado pelo Pai sobre uma mulher e toda criação, é a mãe do Filho de Deus. O menino e sua mãe encham de alegria e beleza uma das partes mais belas da teologia de todo o Novo Testamento: o nascimento do Menino Jesus em Belém, a presença significativa da mãe, o protagonismo de José, a crise por que passou, sua aceitação de Maria como sua mulher e, mais ainda, ser o pai adotivo do filho que não é dele.

6 MARIA DIALOGA, SERVE, PENSA, FICA INTRIGADA

A primeira célebre frase que Maria pronuncia denota uma personalidade de mulher adulta e que tem um projeto de vida a realizar. Na perícopa da Anunciação do Senhor em Lucas, que vai de 1, 26-38, por duas vezes Maria intervém para saber com clareza o que lhe estava sendo proposto como chamado do Senhor. A primeira intervenção de Maria através de sua fala é esta frase: “Como é que vai ser isso se eu não conheço homem algum? (Lc 1,34).

O evangelista vétero-testamentário traça a figura de Maria como sendo uma mulher que toma iniciativas diante das propostas de serviço que lhe são feitas, uma mulher que pensa, e questiona aquilo que lhe é pedido, uma mulher que se indis põe com aquilo que não compreende por si mesma e uma mulher que sabe silenciar diante do mistério insondável da Palavra divina.

Dentre as mulheres que integram o grupo dos seguidores de Jesus (Lc 8,1-3) e o grupo originário de Jerusalém, Lucas destaca a figura de Maria como mãe de Jesus (At 1,12-14). No que se refere à elaboração dos Atos dos Apóstolos, percebe-se o seguinte: como as outras suas companheiras Maria recebe o Espírito do Senhor ressuscitado. Na hora, porém, de darem seu testemunho dessa experiência como o fez Pedro, que começou a pregar a grupos de várias nacionalidades (At 2,14ss), Lucas silencia, completamente, a presença e a atuação de Maria e das outras mulheres citadas por ele mesmo pouco antes¹.

A segunda frase pronunciada por Maria manifesta ser uma pessoa aberta ao diálogo e mostra que sabe objetar diante de certas situações pessoais. Após a explicação do Anjo – teofania divina – assim responde ao seu interpelador: “Eu sou a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra!” (Lc 1,38).

Com esse *Fiat* Maria dá início à plenitude do mistério da Encarnação que se faz presente nela e em toda a espécie humana por adoção. Acentua o serviço e o acolhimento da missão que nasce de tal serviço. O modo de ser de Deus nessa palavra atribuída a Maria é tipicamente o modo feminino de ser de Deus. Deus se dá a conhecer através do serviço que preside todo o processo da redenção humana e cósmica. O acolhimento da Palavra do Senhor não só na vida existencial dessa mulher, como no seu próprio corpo é fundamental,

pois, ela dá espaço ao mistério da Encarnação pelo Espírito¹. Ora, a dimensão do serviço e do acolhimento pode estar mais acentuada no modo de ser e de fazer da mulher, o que não exclui a atuação do modo de ser e de fazer do homem. No nosso caso, Lucas apresenta Maria como a Serva do Senhor.

O evangelista recorre às alegorias e imagens vétero-testamentárias, para dizer o que tinha em mente. Sabe-se que uma de suas fontes é a historiografia, fonte criada por ele mesmo. A estrutura de tais relatos apresenta elementos significativos de ligação com os episódios e narrativas do Antigo Testamento².

7 AS PRIMEIRAS EVANGELIZADORAS DO NOVO TESTAMENTO

O anúncio de Maria de pôr-se a caminho, e pôr-se *cum festinatione*, quer dizer, festejando, em festa, em júbilo, rumo à casa de Isabel, provoca o anúncio que a proclama bendita entre as mulheres por ser a mãe do Senhor (Cf. Lc 1,42). O encontro das duas mulheres dá início ao anúncio de uma nova era, de um novo tempo da economia da graça salvadora. O sinal é este: as pessoas pobres e oprimidas são libertadas; assumem a dianteira da nova história que começa com o encontro de Deus com a natureza humana na pessoa de Jesus; Jesus chega ao meio de seu povo através de uma mulher provinda desse mesmo povo³.

No contexto dessa explosão missionária provocada pelo encontro de duas mulheres que anunciam o início de uma nova história para o povo de Israel, Maria permanece com Isabel para dar continuidade à realização do mistério que lhe fora anunciado. A demora faz parte do processo histórico anunciado por Maria e por Isabel.

A constância e a fidelidade à missão recebida, mesmo que ainda não esteja bem definida e clara, motiva Maria a continuar no seu propósito de fidelidade à palavra divina e fidelidade à palavra dada, isto é, a de conservar-se na dinâmica do serviço missionário como a Serva do Senhor.

¹ Cf. BOFF, L., A Ave-Maria, o. c., p. 51.

² Cf. LAURENTIN, R. La Vergine Maria. Mariologia post-conciliare. Ed. Paoline, Roma 1970, p.31ss.

³ Cf. BOFF, Lina., “A misericórdia divina em Maria de Nazaré”, in *Convergência*/ 276, outubro de (1994), p. 502-506.

Uma evidência que não se pode deixar de lado é o fato de que Maria entra na casa de Zacarias e saúda Isabel. Nada se diz da saudação dirigida a Zacarias. Ele preside a casa, mas quem cultiva o mistério que a casa carrega dentro de si não é dado a Zacarias, mas à sua mulher, Isabel (Cf. Lc 1,40).

É uma cena comovente o encontro das duas missionárias, sobretudo por se dar na igreja doméstica e não no templo onde Zacarias oficiava como sacerdote. A experiência de Deus que as duas fazem não precisa do toque das trombetas e nem dos ritos usados nas celebrações do templo. O Deus feito carne vem na invisibilidade para ser testemunhado pelas pessoas marginalizadas e humildes que vivem à sombra do Todo Poderoso, dispensando os guardiães do templo que viviam dentro de seu empoderamento masculinizante. Nesse momento tão importante, é a voz da mulher Maria que ouve a voz da mulher Isabel (cf. Lc 1, 42-45).

Maria é o lugar em que se dá a revelação do Mistério da encarnação e, junto com esse Mistério, Maria se encontra hoje, numa realidade conturbada pela miséria material e espiritual, pela exclusão de tantas pessoas empobrecidas e pela ganância dos grandes.

Por isso, se queremos comprometer-nos para a Nova Evangelização, precisamos estar despidas de nós mesmas e estar perto da juventude largada à própria sorte que perambula pelas nossas ruas; precisamos estar junto às mulheres silenciadas pelo espancamento de seus maridos e companheiros, junto aos sem-teto, junto aos desempregados e famintos de justiça.

Finalmente, precisamos estar com as mãos estendidas, os olhos abertos e os ouvidos atentos ao grito das pessoas excluídas que se faz súplica dirigida à graça salvadora do Cristo Libertador. Nesse momento, Maria se encontra diante dos ensinamentos ouvidos e assimilados pelo seu coração e pela sua racionalidade prática. Movidada pelo Espírito de Deus, proclama, em seu Magnificat, a prática da pregação do filho de suas entranhas e do Filho de Deus Pai, que aguardou o *Fiat* de Maria para ser um de nós, no corpo de uma mulher do povo. Lucas coloca nos lábios de Maria o Cântico de Ação de Graças proclamado por ela e pensado por Lucas, que guarda a continuidade do AT no NT, o Magnificat.

A minh`alma engrandece o Senhor
e exulta meu espírito em Deus meu Salvador;
porque olhou para a humildade de sua serva,
doravante as gerações hão de chamar-me de bendita.
O Poderoso fez em mim maravilhas e Santo é o seu nome!

Seu amor para sempre se estende sobre aqueles que o temem;
manifesta o poder de seu braço, dispersa os soberbos;
derruba os poderosos de seus tronos e eleva os humildes;
sacia de bens os famintos, despede os ricos sem nada.
Acolhe Israel seu servidor, fiel ao seu amor,
como havia prometido a nossos pais
em favor de Abraão e de seus filhos para sempre.
Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo,
Como era no princípio, agora e sempre. Amém.

8 MARIA VAI A UM CASAMENTO

A Comunidade do evangelista João nos relata que Maria prepara e participa de uma festa de casamento em Caná da Galileia, festa mais conhecida como *As Bodas de Caná*, na qual Maria vai não só como convidada, mas para ajudar as outras mulheres a preparar a festa. O evangelho de João assim relata: “[...] houve um casamento em Caná da Galileia e a mãe de Jesus estava lá” (Jo 2,1).

Maria já estava lá quando Jesus chegou com sua turma, os doze e seguidores amigos que o acompanhavam, pois eles também tinham sido convidados. Maria já se encontrava naquela casa onde era preparada a festa de casamento. Quem iria casar, a gente não sabe, só se sabe que havia uma festa de casamento, uma das mais bonitas até nos dias de hoje.

Estar lá antes que Jesus chegasse é uma indicação de que Maria estava participando dessa festa não só com sua presença de convidada festeira, mas participando da ajuda que, provavelmente, estava dando àquela família, às mulheres que trabalhavam na arrumação dos comes e bebes da festa com os convidados mais próximos. A participação de Maria se mostrou de um modo bastante atento e dando-nos a impressão de que havia participado de todos os detalhes que este acontecimento exige quando é celebrado.

Faltou vinho na festa. Maria toma conhecimento junto aos serventes, isto é, aqueles e aquelas que serviam os convivas, e se dirige, imediatamente, a Jesus dando-lhe esta notícia: “eles não têm mais vinho”. (Jo 2,3).

Jesus parece responder-lhe de jeito um tanto frio e duro para com sua mãe. Mas não é essa a interpretação que se dá na mariologia. Jesus lhe diz: “que queres de mim, mulher? Minha hora ainda não chegou” (Jo 2,4).

Maria não se assustou com essa resposta, pois conhecia o filho que tinha gerado e como Ele trabalhava na messe do Pai que o havia enviado a este mundo por força do Espírito Santo. Toma nova iniciativa e dá uma ordem aos serventes: “fazei tudo o que Ele vos disser” (Jo 2,5). E assim foi.

9 O DIÁLOGO DA MÃE COM O FILHO

Aquilo que chama mais a atenção das pessoas neste trecho do evangelho de João é o fato de Jesus chamar Maria de “mulher” e não de mãe. A palavra “mulher” na cultura em que Jesus vivia, era dar um título de honra à mulher com quem Ele falava. E mais ainda: era considerar esta mulher adulta na fé, isto é, Maria entrevia e buscava interpretar os mistérios de Deus em seu Filho Jesus que pregava o Reino por onde passava e fazia bem todas as coisas.

Jesus fala que não podia fazer nada por eles, pelos noivos, porque não havia ainda chegado a hora dele. Aqui Jesus se refere à hora da sua paixão, crucificação, morte e ressurreição. É bom lembrar que este Evangelho, como todos os outros, foram escritos depois que Jesus ressuscitou e ascendeu ao céu. Então, as comunidades apostólicas falavam dos fatos já acontecidos e da experiência que elas tinham feito ao lembrar com fé desses fatos da vida de Jesus.

A fala de Maria com seu filho foi atendida porque Jesus pediu aos serventes que enchessem seis talhas de pedra com água que estavam ali para a purificação dos judeus. E assim foi feito. A água que os serventes colocaram nas talhas de pedra, virou vinho, que figurava Jesus, ultrapassando a própria bebida que é o vinho. O vinho gostoso que todos beberam naquele casamento, ao invés de ser vinho como nós entendemos, era o próprio Jesus presente naquela festa.

João e sua comunidade utilizam uma linguagem figurativa para dar sua mensagem; o vinho novo era o próprio Jesus presente naquela festa de casamento. Quer dizer, Jesus já estava no meio dos convivas naquela festa e a bebida que partiu da água nas talhas de pedra virou um vinho que só Jesus podia dar dessa bebida. Por esse motivo é importante conhecer a linguagem figurativa dessa comunidade.

10 SIGNIFICADO DA LINGUAGEM FIGURADA DE JOÃO

As seis talhas de pedra significam que ainda não tinha chegado a hora da Nova Lei trazida por Jesus. Essa chegaria junto com o mistério pascal de Jesus. O número seis significa que o tempo da vinda de Jesus em meio a seu povo não tinha chegado ainda, pois este número é incompleto. O número completo é o sete e não o seis. Quer dizer que a Nova Criação trazida por Jesus não havia chegado. Daí o fato de João escrever que as talhas de pedra que significavam a antiga lei, estavam para chegar e o casamento era uma figura da chegada do Reino no meio de seu povo e para toda a humanidade. Quem ficou sabendo de tudo isso não foram os convivas e as outras pessoas da festa que lá estavam, mas as pessoas mais simples, os serventes sabiam que a água se havia transformado em vinho, que é Jesus em meio a seu povo.

Outra novidade que encontramos no Evangelho de João escrito junto com sua comunidade de fé, é o emprego da palavra “hora”, como temos visto. Esta “hora” sempre se refere à Hora da Cruz quando Jesus salva toda a humanidade e torna Nova toda a Criação. João trabalha também com as palavras “luz” e “treva” para explicar a vinda de Jesus no mundo pelo Mistério da Encarnação. Pois teve quem recebeu Jesus, mas teve muita gente que o desconheceu e o condenou até a morte e morte de cruz. Com o acontecimento da celebração do casamento de Caná, que João chama de Sinal e não de milagre, Jesus mostrou a sua glória e os discípulos creram nele. Junto com Maria e, provavelmente, outras mulheres amigas e parentes, desceram a Cafarnaum e ali ficaram só por alguns dias (cf. Jo 2,12). Essa afirmação nos dá a entender que tanto Maria como os discípulos que acompanhavam Jesus só passaram a crer que Jesus era Filho de Deus depois do Sinal da transformação da água em vinho, que remete à pessoa de Jesus como o Messias

11 O QUE DEVE FICAR CLARO

Nunca confundir o vinho como bebida comum que conhecemos e fazemos uso dela nas festas e nos casamentos com o vinho de Caná. O vinho da celebração do casamento dado em Caná da Galileia, é o próprio Jesus, que vem a nós com sua doação completa na Cruz, mas que ressuscita no Terceiro dia.

Quem por primeiro teve conhecimento deste Sinal de fé foram as pessoas simples, os serventes, que pouco participaram da festa porque tinham que servir os festeiros e as festeiras que dela participavam.

Nós, como pessoas consagradas pelo batismo, somos convocadas a levar esse vinho, que é Jesus, a todas as pessoas, dando prioridade às mais necessitadas e pobres em todos os sentidos. Muitas vezes, as pessoas são necessitadas não só da comida espiritual, mas também da comida material que sustenta o corpo e dá energia para viver por Jesus. Lembrar que os nossos bispos em Medellín, que foi a Segunda grande Conferência episcopal, que aplicou as orientações do Vaticano II em nosso Continente, fizeram a opção preferencial pelos pobres e foi renovada em todas as outras Conferências episcopais.

Hoje, essa opção está sendo retomada e reavivada e nos impulsiona cada vez mais a sermos pobres e sairmos das nossas igrejas para estar com as pessoas pobres e marginalizadas da sociedade moderna e não moderna também.

Maria se colocou sempre do lado dos pobres de Javé e nunca foi desatendida em sua intercessão por eles. Ela participa da intercessão de seu filho Jesus Cristo, nosso Salvador, por isso é atendida pelo povo que a cultua e a solicita. Foi o que Maria fez na celebração do casamento em Caná da Galileia. Intercedeu pelos noivos para que não passassem vergonha e obteve o Sinal de fé que havia pedido a seu filho.

12 MARIA ESTÁ DE PÉ JUNTO À CRUZ DE JESUS

A comunidade joanina nos apresenta uma mariologia bem elaborada, pois estamos no segundo século e os evangelistas anteriores já haviam dado sua contribuição nesse sentido. A linguagem joanina inclui figuras que apontam para as pessoas a quem João pretende escrever seu Evangelho: fala do “discípulo amado”, fala de sua mãe “ao pé da

cruz”. Debaixo da cruz em que estava levantado Jesus viu sua mãe perto do “discípulo amado”. Estamos falando da segunda citação que João faz referindo-se a sua mãe e ao discípulo amado.

Cada uma das expressões figurativas do evangelho de João tem um sentido profundo de teologia feita na perspectiva mariana. Deve-se reconhecer ainda que a citação do capítulo 19, 25-27 é curto, mas tem muito a se dizer dele, pois é o momento em que o Filho de Deus chancela como testamento entregando sua mãe a toda a humanidade. Maria, portanto, nesse momento se torna a mulher solidária com Jesus, com o povo e com a mulher de hoje.

13 MARIA É SOLIDÁRIA

A ideia de que o martírio dos profetas é o coroamento de todas as suas profecias, em Maria, é uma ideia que se impõe através da sua participação ativa e solidária aos sofrimentos e ao abandono de Jesus na cruz. A solidariedade humana, que permanece perto da cruz de Jesus na pessoa de Maria, suas amigas e o “discípulo amado”, falam de uma experiência martirial que leva ao ponto mais alto: a missão profética de toda a humanidade, homens e mulheres, que ainda, hoje, vivem a solidariedade com seu povo como Maria e as outras pessoas que lá estavam. Esse grupo de pessoas aponta para o nascimento da Igreja que Jesus Cristo queria deixar como missão para todos nós.

A força da profecia proclamada no Magnificat chega ao seu ponto mais alto com a participação ativa de Maria no abandono e na humilhação do Filho que se submete ao poder deste mundo para salvar toda a raça humana da força destruidora do poder do mal em vista da verdadeira vida.

Quando todos abandonam Jesus, Maria fica de pé perto dele. Ela não se importa com o aparente fracasso da proposta de seu Filho, nem com a fama que ele perde por ter sido julgado como um preso comum, condenado à morte como um assassino da Lei e um enganador do povo que apostou nele (cf. Mc 1,28; Lc 4,37). Para nós, a figura de Maria, silenciosa e humilhada ao pé da cruz de Jesus, é sinal de esperança na luta desesperada que estamos enfrentando dia a dia, ano por ano com suas surpresas, década por década com seus danosos retrocessos.

Maria de Nazaré é a mãe do Deus que está ao nosso lado, a companheira fiel que caminha conosco sobre o pedregulho da estrada e a irmã terna e amiga das horas de desconforto. A mulher Maria de Nazaré está sempre ao nosso lado, embora, muitas vezes, tenhamos a sensação de que o Deus Libertador se esconde de nós ou até mesmo se esquiva. A nossa opção de estarmos do lado das massas famintas e humilhadas continua firme e sempre determinada e incontestada quando acreditamos e agimos como Maria fez em seu discipulado terreno.

A solidariedade que Maria mostra com o povo de seu tempo derruba a tese das retribuições terrestres e reduz ao silêncio todos os argumentos do saber humano. Essa sua solidariedade se confunde com a do povo que a ama e a venera como mãe, companheira e irmã. Desperta em cada mulher e em cada homem as verdades antigas adormecidas para desenvolver a vida de Jesus em cada um, em cada uma e intercede junto ao filho para tirar-nos do adormecimento provocado pela falta de consciência social e histórica.

Paulo VI e sua Exortação Apostólica sobre “O culto dado a Maria”, em que coloca Nossa Senhora ao pé da Cruz apresenta-nos a mulher solidária de toda a humanidade, quando escreve:

A humanidade, hoje, descobrirá em Maria, a Mulher que favoreceu a fé da comunidade apostólica em Cristo, sua maternidade se dilatou, vindo a assumir no Calvário dimensões universais. É deste modo que Maria está ao pé da Cruz de Jesus com sua solidariedade universal que aponta para a ressurreição que passa pela Cruz (Mc 37).

14 A IGREJA NASCENTE DO RESSUSCITADO

A presença de Maria junto com os Onze, as outras mulheres e os primos-irmãos de Jesus no relato da Primeira Comunidade de Jerusalém, narrada em Atos 1,12-14, tem sua força significativa e tem seu peso simbólico. Olhar para o texto na sua originalidade escriturística vindo de Lucas, único a falar de Maria no tempo da comunidade do Espírito, ajuda-nos no desenvolvimento ordenado dos ensinamentos da Escritura, como o próprio Lucas escreve em seus dois Prólogos apresentados no Evangelho e Atos dos Apóstolos (cf. Lc 1,1-4; At 1,1-2). O texto que queremos destacar relaciona com nome os Onze e em seguida fala das outras pessoas incluídos os parentes de Jesus.

Todos unânimes eram assíduos à oração, com algumas mulheres, entre as quais Maria, a mãe de Jesus, e com os irmãos de Jesus (At 1,14).

Estamos diante de um ícone em que Maria pôde estar presente no evento Pentecostes que criou a Igreja do Ressuscitado. É significativa a presença de Maria junto com os Onze, as outras mulheres e os parentes de Jesus no relato desta Comunidade. Apresenta um novo modo de viver, de se relacionar mesmo com toda a dialética que esse processo comporta. Cabe trazer presente também a centralidade que Maria ocupa apresentada na iconografia cristã da tradição eclesial que a desvincula das “Marias” de hoje.

15 AS “MARIAS” DE HOJE

As mulheres evangelizadoras dos nossos dias presidem o serviço da Palavra, são fiéis e constantes com sua presença ativa e criativa na formação das comunidades de fé, testemunham o modo de ser feminino do próprio Deus que vem ao encontro de seu povo através de seu Filho Jesus Cristo.

Enquanto o homem faz o serviço do altar, a mulher faz o serviço da mesa. Esse não é menos importante e nem mais valorizado que o primeiro. Trata-se de servir e servir na fé, na esperança e no amor. Quando as pessoas sentem fome e sede, procuram a mesa para saciar-se. A Palavra da mesa, partilhada, assimilada e consumida, Palavra comida por todas as pessoas que fazem parte da mesa, faz da comunidade um sinal vivo do Reino, que já começa nesta vida. Não queremos excluir ou valorizar menos o altar, mas sim resgatar sua originária significação como serviço à mesa.

Se, ao longo da história, a mesa da comunhão e do serviço comunitário que Jesus Cristo fundou foi transformada em altar, a mulher de hoje, inspirada no ícone de Maria na Igreja Nascente, quer servir à mesa como Cristo serviu e como a comunidade dos Atos dos Apóstolos também serviu. A mulher de hoje acredita nesse novo modo de viver a fé e nessa nova ordenação da *ekklêsia*. Acredita no novo nascimento da mesa da Palavra partilhada, assimilada e comida com gosto e bom paladar, para que toda a comunidade possa fazer a experiência da igualdade e da comunhão e possa testemunhar a Mesa do Reino escatológico.

16 EVANGELIZADORAS DESAFIADAS

As interpelações da nossa dura realidade histórica, seja de ordem estrutural, seja de ordem conjuntural e eclesial são outros tantos apelos que desafiam as “Marias” de hoje para a criação de uma nova *ekklêsia*, a *ekklêsia* da Nova Jerusalém terrena que aponta para a Jerusalém Celeste.

Parece-nos que aí está um veio promissor para refletir sobre o grande mistério da presença real de Cristo no meio de seu povo louvando ao Deus da Nova Criação e dizendo palavras que revelam o modo de ser feminino desse mesmo Deus. Para nós, mulheres e homens cristãos, consagrados pelo batismo, a emergência do feminino explode da rica experiência de fé cristã que se dá em cada pessoa e no coletivo do povo.

Pode-se dizer que a mariologia latino-americana-caribenha nasceu com a primeira evangelização, tornou-se uma tradição devocional e cültica que hoje já podemos traduzi-la numa teologia de sentido profundo e de grande significado concreto e simbólico para o nosso modo de viver o cristianismo, pois toca os pontos essenciais da fé e da reflexão teológica pastoral.

Atualizar a experiência apostólica é outro ponto que desafia a mulher evangelizadora pela reflexão teológica feita a partir da experiência de fé da comunidade descrita na obra dos Atos dos Apóstolos e as experiências conhecidas e até mesmo as mais distantes de nós ultrapassam a nossa palavra de fé. A vida em todas as suas dimensões nos leva a uma espiritualidade mariana procedente, porque fundamentada na Palavra de Deus enquanto Comunidade Trinitária do Pai, do Filho de Maria e de Deus e o Espírito Santo.

Segundo, a *Verbum Domini*, de Bento XVI, assim se expressa: “No caráter dialógico em que se dá a Revelação entre Deus e a pessoa humana, é de capital importância a figura de Maria, a Mulher que se deixou habitar pelo Mistério da encarnação”.

Os bispos sinodais exortam as pessoas dedicadas ao estudo da Ciência Sagrada, a que busquem maior relação entre mariologia e teologia da Palavra, donde poderá vir grande benefício para o aprofundamento dos estudos teológicos e bíblicos. A mudança desse paradigma nos impele a uma atitude de escuta orante que se faz compromisso missionário e generosidade na doação da própria vida (cf. *Verbum Domini*, parágrafo 27).

Finalmente, hoje, o povo vê Maria presente nos homens e nas mulheres que abraçam a causa da vida. Ela não é diferente do povo. Não está só nos altares, nos andores e nas procissões. Maria hoje é a juventude que clama por justiça e cidadania. Maria hoje é o trabalhador que sonha uma nova vida, o homem e a mulher da roça que exigem terra e participação para não sucumbirem à morte.

Maria hoje é uma das expressões altas do Espírito no seu modo de ser feminino para que o povo ainda tenha a força de acreditar no amanhã e encontre o sentido profundo de sua fé em vista da própria sobrevivência. Foi essa a atitude de Maria e sua atuação na Igreja Nascente apresentada pelo evangelista Lucas ao descrever as comunidades dos Atos dos Apóstolos.

17 QUANTO AOS PADRES DA PATRÍSTICA

Os ensinamentos dos primeiros Padres da Igreja forneceram elementos *históricos, cristológicos e teológicos*, no sentido de provar a verdadeira humanidade e a verdadeira divindade de Jesus como Filho de Deus. Nesse contexto, é que Maria entra como a mulher *Mãe de Deus*, a mulher *toda santa*, a mulher *cheia de graça* e a mulher *assumida por Deus*, no fim de sua vida terrestre em corpo e alma.

A partir dos escritos deixados pelos Padres da Igreja, o culto e a devoção a Maria de Nazaré dos evangelhos começou a tomar força em muitas comunidades dos primeiros séculos. Foi assim que começou, timidamente, a fé nesta mulher que seguia seu filho junto com as outras mulheres.

18 QUANTO À MARIA DA FÉ NA TRADIÇÃO E NOS DOGMAS

A Tradição dá uma referência vital que se expressa como se fosse a própria pátria, o próprio lar, um ninho acalentador da vida humano-celestial que já se começa viver aqui nesta terra em que habitamos. Arrancar alguém da Tradição significa desenraizá-lo e, por isso, destruí-lo cultural e até mesmo fisicamente, por exemplo, a escravidão praticada no Brasil.

Toda a Sagrada Escritura é uma Tradição viva porque: primeiro, foi vivida pelo povo de Deus e pelas comunidades de fé do Novo Testamento e depois dessa experiência de fé, essas comunidades escreveram aquilo que haviam experimentado na fé. Mas o que entendemos por Tradição com letra maiúscula?

Os dogmas servem para explicar, esclarecer ou tornar inteligível uma afirmação revelada e contida na Sagrada Escritura. Em segundo lugar, para tornar mais clara a ligação que existe entre a nossa vida de fé e a verdade proclamada por toda a Igreja.

Os dogmas não são feitos para serem gaiolas, não são barreiras para a nossa caminhada de fé, mas corrimãos ao lado do caminhante. Cada um de nós precisa de proteção e de apoio para fazer o caminho na direção certa a fim de chegar ao lugar certo. Os dogmas não são fórmulas, são valores que criam espaço vital e abrem horizontes.

Os Concílios sobre Cristo fizeram dilatar as balizas da verdade revelada o mais longe possível e deram normas claras para a nossa vida espiritual. Os dogmas desdobram e desvelam o mistério que se revela nos Evangelhos e na sua interpretação ao longo do tempo. São fontes de vida e de reflexão. São dinâmicos e evolutivos na sua apresentação aos fiéis.

O dogma está finalizado na confissão de fé e na pregação e não na mera reflexão, e menos ainda na vinculação jurídica da consciência de fé. É o que acontece com os dogmas referentes a Nossa Senhora: o dogma da Mãe de Deus, da Virgindade, da Imaculada e da Assunção de Nossa Senhora ao céu em corpo e alma.

19 CONCLUINDO O NOSSO ESTUDO

O conhecimento histórico de Maria de Nazaré buscou uma elaboração que se expressou na narrativa das comunidades apostólicas dos quatro evangelistas. Fica claro que o objetivo deles era narrar a vida e a missão de Jesus que pregou o Reino para todas as pessoas que abriram seus ouvidos e viram com seus olhos as maravilhas que o Pai realizou no meio de seu povo por meio de seu Filho. Maria sempre é vista nesse contexto histórico e religioso.

No corpo bíblico do Novo Testamento pode-se perceber como Maria ocupou o lugar de mãe do Filho de Deus na simplicidade e na humildade de toda mulher de seu tempo. Em

nada se destacou senão na vivência de seu mistério escondido e só revelado bem mais tarde pela fé das pessoas que aceitaram a vida, a morte e a ressurreição de Jesus.

A repercussão da experiência dessas comunidades vamos encontrá-la nos escritos dos Padres da Igreja, que começam a falar de Maria com o título de Nossa Senhora. Ela é apresentada como a mãe do Senhor, a Virgem da fé, a Mulher da plenitude dos tempos, Filha da estirpe de Adão.

Em suas Cartas, os Padres da Igreja citam Maria em momentos e situações de disputas cristológicas, sobretudo. Nesse contexto, a verdade defendida e proclamada pelos pastores, cristãos filósofos daquele tempo, tinham como objetivo primeiro explicitar com clareza a verdade sobre Jesus Cristo de modo peculiar, a verdade referente à natureza humana e divina do Filho de Deus.

Tais disputas teológicas perpassaram os três primeiros séculos até o quarto século. Nessa época já se pode falar da construção de uma pregação que aponta para a mulher histórica sendo invocada com títulos sugeridos pela fé das pessoas. Da Maria de Nazaré histórica passamos a falar da Maria da fé, que é a mesma histórica Maria de Nazaré.

Segue-se o desenvolvimento do culto e da veneração de Maria como a Mãe de Deus e a sempre Virgem Maria. Esses dois títulos dados a Maria são verdades proclamadas pelo magistério com base direta na Sagrada Escritura e verdades eminentemente cristológicas. É o que chamamos de dogmas cristológicos porque se referem à verdade que diz respeito a Cristo como Filho de Deus encarnado.

REFERÊNCIAS

AVELAR, M. C., BOFF, Lina, BUCKER, B. P., *Maria e a Trindade. Implicações pastorais – Caminho pedagógico -Vivência da espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 2003.

BENTO XVI. *Verbum Domini: Exortação Apostólica Pós-sinodal*. São Paulo: Paulinas, 2010.

BOFF, Cl. *Mariologia Social. O significado da Virgem para a sociedade*. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. *O cotidiano de Maria de Nazaré*. São Paulo: Salesiana, 2003.

_____. *Introdução à Mariologia*. Petrópolis: Vozes, 2004.

BOFF, L., *O rosto materno de Deus*. Ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. *A Ave-Maria*. O feminino e o Espírito Santo. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. *Natal: A humanidade e a jovialidade de nosso Deus*. Petrópolis: Vozes, 1976.

_____. *O Senhor é meu Pastor*. Consolo divino para o desamparo humano. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

_____. SPINDELDREIER, A., HARADA, H. *A oração no mundo secular*. Desafio e Chance. Petrópolis: Vozes, 1972.

BOFF, Lina. *Mariologia*. Interpelações para a vida e para a fé. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. *Maria na vida do povo*. Ensaio de mariologia na ótica latino-americana e caribenha. São Paulo: Paulus, 2002.

_____. Maria, a Mulher inserida no mistério de Cristo. In *Atualidade Teológica*, 3, julho-dezembro, p. 25-40, 1998.

_____. O advento e a pessoa de Maria. In *Convergência*, CRB-Rio de Janeiro, n. 313, p. 135-150, 1999.

_____. Maria e os Pobres de Javé. In *Convergência*. Rio de Janeiro, n. 310, p. 107-115, 1998.

_____. *Maria e o Feminino de Deus*. Para uma espiritualidade mariana. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. *Coroação de Nossa senhora Aparecida*. Padroeira do Brasil – 1904-2004, São Paulo: Salesiana, 2005.

_____. *Culto e Práticas de devoção a Maria – A Marialis Cultus em linguagem popular*. Aparecida- SP: Santuário, 2003.

_____. A misericórdia divina em Maria de Nazaré. In *Convergência*. Rio de Janeiro, n. 276, , p. 502-506, outubro de 1994.

_____. *Filha predileta do Pai*. Conferência proferida no Simpósio Mariológico de Loja-Ecuador, 2010.

_____. *Com Maria hacia al tercer milenio*. Conferência proferida em Congresso Mariológico: México: Centro Mariano de Difusión Cultural, 1999.

_____. *De Trinitatis Mysterio et Maria*. Acta Congressu: Citta del Vaticano, 2000.

_____. A mulher toda santa e imaculada. In: COSTA, S. R. da (Org.) *Imaculada Maria do Povo, Maria de Deus*. Petrópolis: Vozes, 2004, pp. 105-132.

- BRUNELLI, D., *O sonho de tantas Marias*. Rio de Janeiro/CRB 1992.
- BUCKER, B. P., *O feminino da igreja e o conflito*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- BRUSTOLINI, J. J. *Senhora da Conceição Aparecida*. História da imagem da capela das romarias. Aparecida-SP: Santuário, 1979.
- DOCUMENTO DE PUEBLA. *Maria, Mãe e modelo da Igreja*, São Paulo: Loyola, 1979.
- DORADO, A. G. *Mariologia popular latino-ameriCaná*. São Paulo: Loyola, 1992.
- _____. *Maria nella teologia contemporânea*. Roma: Centro di Cultura Mariana Madre della Chiesa, 1991
- FLORES, D., *La Virgen Maria al pie de la Cruz (Jn 19,25-27) em Ruperto de Deutz*. Roma: Centro di Cultura Mariana 1993.
- FORTE, B., *Maria, a mulher ícone do mistério*. Ensaio de mariologia simbólico-narrativa. São Paulo: Paulus, 1991.
- GRUPO DE DOMBES. *Maria no desígnio de Deus e a comunhão dos santos*. Aparecida-SP: Santuário, 2005.
- JOÃO PAULO II. *Redemptoris Mater*. Carta encíclica. São Paulo: Paulinas, 1998.
- _____. *Tertio Millennio Adveniente*. Roma: Facolta Marianum, 1998.
- NAVARRO, Mercedes. *Nascido de mujer*. In *Ephemerides Mariologicae*, octubre/diciembre, 1997.
- PASIN, T. G. *Senhora Aparecida*. Romeiros e missionários redentoristas na História da Padroeira do Brasil. Aparecida-SP: Santuário, 2015.
- PAULO VI. *Exortação apostólica sobre o culto à bem-aventurada Virgem Maria*, São Paulo: Paulinas, 1974.
- PINKUS, L. *O mito de Maria*. Uma abordagem simbólica. São Paulo: Paulinas, 1986.
- PUCHE, J. A. M. *María en la Biblia y en los Padres de la Iglesia*. Madrid: EDIBESA-1, 2008.
- _____. *Documentos Pontificios Marianos*. Madrid: EDIBESA-2, 2006.
- QUÈRÉC, France. *Le donne nel Vangelo*. Milano: Rusconi, 1983.
- RAVASI, G. *Os rostos de Maria na Bíblia*. São Paulo: Paulus, 2008.
- SEBASTIANI, L. *Maria e Isabel*. Ícone da solidariedade. São Paulo: Paulinas, 1998.
- SÖL, G. *Storia dei dogmi Mariani*. Academia mariana salesiana XV. Roma: Las-Roma, 1981.